VOO PICADO

Pedro Brinca Professor universitário



Mais do que alguns

Rompeu pela área, simulou, cortou para a esquerda e bateu de canhota. O quarto golo de Rio Maior, o segundo de Pavlidis, foi uma preciosidade individual num jogo em que o que mais brilhou foi o coletivo.

Aos três minutos, já Prestianni – outra vez ele, cinco remates, 11 de 13 duelos ganhos – tinha feito o primeiro; aos 14, Pavlidis devolveu a Rafa uma bola roubada por este e o 27 picou-a sobre André Gomes.

Escrevi aqui, há uma semana, que desvalorizava o empate com o Académico porque via algo fundamentalmente novo: o Benfica a ser, coletivamente, avassalador no ataque. Jogar bem já tinha acontecido. Isto é outra coisa — vi-o com Lage nalguns jogos, vi-o com Mourinho em poucos. O 0-7 diz que, com Marco Silva, pode ser mais do que alguns ou poucos: pode ser a regra.

Os números da GoalPoint tiram o resultado do campo do acaso: 3,9 golos esperados, novo recorde da Liga; 22 ações defensivas no meio-campo contrário, outro máximo da prova; 85% de posse no último terço – o Benfica acampou lá. Uma equipa que pressiona, recupera alto e esmaga.

Pavlidis fez um hat-trick em sete minutos – no Benfica, só Eusébio o conseguira, em 1964 – e, com três golos e uma assistência em 59 minutos, levou o segundo 10 da GoalPoint em duas jornadas, depois do de Prestianni. Nove golos em cinco jogos: o grego agradece o que o coletivo lhe dá – espaço para ser mortífero. Ele próprio o disse: "Começámos a entender-nos uns aos outros, a entender as ideias do treinador, como ele quer que corramos e para onde."

Duas notas de prudência, que são uma só pergunta. Marco Silva está a conseguí-lo sem Ríos, Schjelderup, Aursnes e Lukebakio: em Rio Maior, o médio norueguês nem sequer entrou na ficha de jogo e os outros saltaram do banco com o jogo resolvido. Sinal de força – mas se o papel secundário deles se deve ao Mundial, que lhes atrasou a preparação, então parte deste Benfica avassalador pode ser apenas uma equipa que, obrigada pelas pré-eliminatórias da Liga Europa, começou a trabalhar antes de toda a gente e atropela adversários em fases mais atrasadas de preparação.

NÃO FAZ MAL QUE NÃO SEJAM SEMPRE 7 GOLOS, **DESDE QUE SEJA SEMPRE UMA EQUIPA**

A outra parte – a que me entusiasma – seria a de um Benfica que, finalmente, reconcilia a força do coletivo com a qualidade individual que sempre teve. Saberemos quando o pelotão se nivelar fisicamente; até lá, guardo o entusiasmo de quem acredita que é mesmo a segunda.

Quinta-feira, na Luz, o Aarhus dirá mais. Marco Silva, que avisou que "não vai ser sempre 7-0" e lembrou que "somámos apenas três pontos", tem razão na cabeça fria. Mas não faz mal que não seja sempre 7-0 – desde que seja sempre isto: uma equipa.